

A ECONOMIA NEOCLÁSSICA DA ESSÊNCIA DA TÉCNICA

THE NEOCLASSICAL ECONOMICS OF THE ESSENCE OF TECHNIQUE

Antônio José Nascimento¹

RESUMO: Compelir o mundo da vida a se desdobrar unicamente na paisagem da objetificação utilitária de sujeitos hedonistas constitui, como se sabe, o cerne da economia neoclássica do emprego racional dos recursos. Partindo disto, o presente artigo postula que semelhante estrutura interpretativa do agir humano, vinculada à metafísica da subjetividade, pertence visceralmente ao âmago da técnica tal como identificada por Heidegger em seu caráter de calculabilidade no modo de desvelar e promover a exploração cumulativa dos entes. Não por acaso, o apelo a que se tome o pragmatismo econômico convencional da *rational choice* neoclássica recrudesce a tal ponto, em nossos dias, que o seu modelo subjetivista tem sido alçado à condição de *dictum* regulador da existência.

Palavras-chave: Economia Neoclássica. Técnica. Subjetividade. Utilitarismo. Heidegger.

ABSTRACT: Compelling the world of life to unfold solely in the landscape of the utilitarian objectification of hedonistic subjects is, as is well known, the core of the neoclassical economics of the rational use of resources. Based on this, this article postulates that such an interpretive structure of human action, linked to the metaphysics of subjectivity, viscerally belongs to the core of the technique as identified by Heidegger in its character of calculability in the way of unveiling and promoting the cumulative exploration of entities. It is not by chance that the call to take the conventional economic pragmatism of the neoclassical *rational choice* intensifies to such a point, nowadays, that its subjectivist model has been raised to the condition of regulating *dictum* of existence.

322

Keywords: Neoclassical Economics. Technique. Subjectivity. Utilitarianism. Heidegger.

INTRODUÇÃO

A figura da técnica moderna, em sua urdidura que vai do calculado ao produzido como efetivação do que se destina ao incremento de sua própria potência, é o lugar do acontecimento ordenador das coisas do mundo enquanto predisposição à manipulabilidade e ao processamento. Nessa perspectiva, pretende-se, aqui, situar o aparato teórico da corrente neoclássica do pensamento econômico como sendo já uma proveniência da interpelação calculadora da técnica. Sim, porque a técnica é calculabilidade, é, em sua essência, um *pensar calculador* da posicionalidade geral das coisas segundo a orquestração do planejado, do projetado enquanto modo constrangente de manifestar a totalidade dos entes consoante a

¹Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal de Sergipe- UFS. Doutor em Filosofia, UÉVORA- Portugal, Mestre em Economia (UNICAMP).

representação (*Vorstellung*). Noutras palavras, o que de mais próprio rege o pensar técnico é o não-deixar nunca a coisa vir à presença segundo sua própria determinação, é o não-deixar a coisa vir à sua própria vigência.

Por ser o agente dessa ordenação que objetifica as coisas do mundo, em geral se supõe que o *modo de ser-assim* técnico do humano decorre naturalmente da instrumentalização da razão, como a que, na economia neoclássica, presumivelmente predispõe o homem à objetificação do mundo e à sua exploração incondicional. A bem da verdade, segundo Heidegger, é o humano que acaba instrumentalizado para pôr em obra um *modus vivendi* que não corresponde efetivamente a um “cuidado”, a uma *oikonomia* do habitar “consciente” do mundo.

Consequentemente, e ao contrário do entendimento corrente, não é o homem o senhor dessa maquinação que, ao fim e ao cabo, põe também ele próprio a funcionar e a se comportar em consonância com o funcionamento sistêmico das engrenagens que ele aciona com vistas à consecução do melhor nível possível de vida. Seu comandamento do processo é, pois, apenas aparente, porque o requisito para que tudo funcione e siga funcionando é algo que se cumpre sob a regência da técnica, que lança o homem numa situação em que também ele se vê compelido a funcionar, a estabelecer com todos os entes uma relação tecnicamente predeterminada.

Não fosse o influxo da subjetividade moderna e não se teria chegado à apreensão antropológica de que o caráter desse processo pertence ao homem, na condição de sujeito plenipotenciário das determinações da realidade. Como configuração dessa imagem, a normativa da ortodoxia econômica do neoclassicismo faz o mundo natural das coisas se apresentar como um dado externo, como algo simplesmente presente, disposto como substância extensa à espera de alguma “provocação” valorativa por parte de um sujeito calculador.

De mais a mais, e porque radicado no cunho da metafísica da subjetividade, o individualismo – paradigmático na escola neoclássica – é antes ontológico que metodológico, sem o que o sujeito do mundo moderno não teria podido evidenciar o real como objetualidade a si contraposta, a partir da “abertura” (*Erschlossenheit*) à categorização da essência das coisas como calculabilidade físico-matemática.

Em vista desse enquadramento matemático do mundo do qual deriva, o ambiente da economia neoclássica exige que a conduta humana racionalizada condiga, por meio do

cálculo autointeressado, com o formalismo do tratamento científico da natureza objetificada. Deste modo, a *economics* neoclássica do comportamento racional (*rational choice*) resguarda a “lógica produtiva” da essência da técnica moderna assinalada por Heidegger, qual seja a de manifestar o *ser* dos entes como *assistência* ou *presença constante*

No que segue se busca, então, elaborar de que maneira a economia neoclássica espelha em sua episteme o mundo da técnica, ao se apresentar como *locus* conspícuo de mostraçã dos entes quantificáveis e redutíveis a estoque pelo individualismo maximizador. Nisso, decerto, pode-se divisar o que Heidegger (2012a, p.362), referindo-se a um ingressar numa saga, caracterizou como “um dizer que percorre o caminho daquilo que necessita ser dito, com a única finalidade de o dizer”.

1. A economia maximizadora da técnica

Em seu caráter apriórico fundado numa subjetividade calculadora, a episteme da economia neoclássica opera com uma racionalidade que a analítica da técnica em Heidegger permite identificar como própria de um modo técnico de estar no mundo, e por isso mesmo fomentadora de processos de efetivação do real como realidade *representada*, vale dizer, o real é aí engendrado por uma subjetividade que rebaixa todas as coisas à condição de objeto ou de meio para satisfação da conduta humana dirigida à otimização de fins. Tais fins, entretanto, nunca dizem concreta mente respeito a um escopo ou meta de última instância, mas a uma incontida *vontade de querer* como vontade de adquirir por parte do humano que é o agente hedonista da maximização utilitária dessa economia.

Sob a égide da técnica, o emprego do ente não se completa no uso que advém de sua transformação instrumental, porque ele não se destina apenas a aplacar necessidades, dado que não é mero valor-de-uso como à primeira vista pode sugerir o sistema utilitário da economia neoclássica. O uso dos entes como objeto se processa, aí, no interior de um ambiente social de trocas cuja exponencialidade – requisitante de uma produtividade crescente e, por conseguinte, de uma exploração ilimitada –, está voltada para o absoluto da vontade de domínio da subjetividade calculadora. Deveras, é inerente à calculabilidade das disposições da técnica o poder contar com uma economicidade (extração máxima, custos mínimos) que lhe corresponda em seu caráter de explorabilidade cumulativa e garantidora da permanência do sistema de provisionamento destinado à manutenção desse estado de coisas.

O *Gestell*, “armação” desse desvelamento e essência da técnica, governa o funcionamento e (*pré*)*posiciona* a totalidade dos entes como recurso na rede das funcionalidades do aparato produtor. A economia neoclássica, como linguagem da técnica, é o seu léxico mais apropriado, a despeito mesmo de o seu estatuto teórico não reivindicar a tecnologia como elemento central da dinâmica das economias de mercado. De qualquer modo, não é mesmo indispensável que o tenha de fazer para pertencer à técnica, ou seja, para estar coadunado com sua ordenação não é imprescindível o trato com o componente tecnológico. Como não é de ordem técnica o elemento essencial da técnica moderna, a imersão do estatuto teórico neoclássico no modo de desvelamento técnico dos entes não deixa de ser cabal. Para todos os efeitos, nele a metafísica da subjetividade está presente através do individualismo metodológico que serve de fulcro à ação racional do humano sobre um mundo que se objetifica como obra de uma vontade alinhada, enquanto “vontade de vontade”, com o incondicionado da “vontade de poder” da técnica.

Tal ação racional é presumida no neoclassicismo como marca de uma humanidade fabricável por meio do egocentrismo dirigido a fins que se sabe dizerem respeito, em última instância, não a um fim *qua tale*, mas a um aquisitismo encerrado numa descomedida *vontade de querer*. A esse respeito, é de se indagar, como faz Brockway (1991, p. 25), “como é possível ser racional e egoísta-maximizador (*greedy*) ao mesmo tempo. Não é possível. O homem econômico egoísta e racional é uma contradição. Não é racional se depreciar a si próprio”². Amartya Sen (1999, p. 31), por sua vez, ponderou que “o problema dessa abordagem da racionalidade reside em outro aspecto. Por que deveria ser unicamente racional empenhar-se pelo autointeresse excluindo todo o resto?”.

O axioma que toma o sujeito econômico como agente maximizador se reporta, no fundo, a compulsões do humano-animal que, no interior da metafísica, se movimenta não apenas no sentido do autoasseguramento a qualquer custo, senão que, perdido nas compulsões da subjetividade, orienta sua conduta por uma pragmática que compreende a realidade do mundo a partir da informação cifrada no cálculo da consecução máxima, como sói à compreensão do modo de ser do homem da técnica. Trata-se sempre, pois, da fixação de objetivos e metas que servem de pretexto, em meio à fúria cega da realização infinita, para o atingimento em escala sempre ampliada de novos objetivos e metas tecnicamente

² “How, then, can it be possible to be both rational and greedy? It is not possible. The rational greedy economic man is a contradiction in terms. It is not rational to demean oneself”. [Tradução minha].

articulados. Assim é como o homem sucumbe à tentação de que possui pleno domínio da realidade, impelido por uma “vontade de apoderamento generalizada, que submete a vida e o homem ao cálculo, controle e planejamento” (RÜDIGER, 2014, p. 32).

O modo de ser da economicidade neoclássica não é o da vinculação orgânica com as coisas em sua coisidade, mas o das coisas em sua utilidade valorada pela organização técnica do trabalho. Aqui, o que mais importa é poder subsumir a coisa numa função utilitária. Tudo o que em princípio se possa situar como objeto de desejo da expansiva subjetividade demandante, o mercado, auxiliado pela tecnociência, proverá. Havendo demanda, haverá sempre oferta para o que quer que seja, porque concerne à técnica, acima de tudo, o asseguramento da disponibilização que torna tudo manifestável para o consumo. Por aqui não há um ente sequer que possa estar resguardado em sua existência contra os ataques da processualidade que prodigaliza toda provisão.

O potenciamento sem tréguas e sem diretiva dessa *vontade de poder* se traduz como niilismo, como redução do ser a nada no agenciamento sem medida da “armação” (*Gestell*) que se patenteia no impulso ao gigantismo e na expansão desenfreada da produção em massa da tecnoeconomia, aqui referida como imagem do mundo determinada pela cosmovisão do individualismo possessivo do neoclassicismo. É de fato assinalável o quão fundamente o caráter dessa “escola” se tem arvorado em ser, como nenhuma outra no campo das ciências sociais e humanas, uma espécie de arauto por excelência desse novo “espírito do tempo”, em sua forma de racionalização da conduta humana autointeressada.

Não por acaso, dessa normativa, enquanto *governamentalidade*, acabou por se tornar refém todo o sistema educativo voltado para o treinamento em empreendedorismo tecnocientífico. Justo nesse meio a tecnociência agora economicizada se vai impondo como locução da “vontade de vontade” que, saturada de um niilismo desesperador, emula os poderes mirabolantes do indivíduo tecnoempreendedor como saída para o colapso das ocupações em larga escala. Ao evidenciar, segundo Viale (2000, p. 103), a técnica como destino característico da nossa época – em seu *apelo provocador* –, “Heidegger ultrapassa a impostação própria da economia neoclássica que põe o sujeito, isto é, o sistema das preferências organizadas em utilidade, como fundamento da constituição do mundo como recurso”³.

³ “Heidegger oltrepassa l'impostazione propria dell'economia neoclassica, che aveva posto il soggetto, cioè il sistema delle preferenze organizzate in utilità, a fondamento del costituirsi della risorsa: non è infatti il

Como se tem podido notar, o engajamento no desmesurado da disponibilização é atribuído, na vertente neoclássica, à voracidade natural do homem, quer dizer, ao espírito de insaciedade que move o sistema utilitário de preferências e que se cristaliza na renovação perene de desejos que não são “necessidades reais”. Para corresponder a isto, do outro lado se desenvolve a ação de indivíduos igualmente calculistas que são os produtores responsáveis pela organização do sistema de oferta. Toda a vida econômica passa a consistir, então, numa multiplicação de esforços de um tipo universal de indivíduo com vistas à combinação de fatores e recursos, sempre com base numa dada situação técnica de conhecimento sobre como arranjá-los da forma mais adequada e eficaz possível.

2. Subjetividade, “gigantismo dos úteis” e desnatureza

O protagonismo do sujeito isolado, individualista e maximizador de resultados, se bem constitua uma excrescência do ponto de vista da filosofia do “ser-no-mundo” (*in-der-Welt-Sein*) heideggeriana, é, todavia, o do sujeito que emerge como realidade na condição de elemento funcional do sistema neoclássico tecnoprodutor de utilidades. Heidegger (2013, pp. 542-543), a propósito, referiu-se à subjetividade do homem apartado da forma como segue, a qual em boa medida é discernível no cerne da economia neoclássica:

A subjetividade do *subiectum*, que não tem nada que ver com o isolamento do eu, chega ao seu acabamento na calculabilidade e instaurabilidade de todo o vivente na *rationalitas* da *animalitas* na qual o «superhomem» encontra sua essência.⁴

Ora, o acabamento da época moderna, como *acabamento da metafísica*, pode-se pensar como o encetamento do que Heidegger (2013, pp. 537-538) cunhou como a “época da carência de sentido”, o começo do esquema dominante da maquinação que converte a totalidade dos entes em *fundo de reserva e valor* na conservação e incremento do poder desse domínio. Noutras palavras, “o calcular que se instaura a si mesmo inventa os «valores»”, traduz a “essencialidade da essência (da entidade) em algo calculável”, e, *ipso facto*, “estimável de acordo com o número e a dimensão espacial” (HEIDEGGER, 2013, pp.538-539) de sua própria grandeza que é agora o *gigantesco*. E o que significa isto? Que “o que é gigante”, diz Heidegger (2012b, pp. 118-119),

soggetto a costituirsi il mondo in risorsa –per cui lo stesso soggetto potrebbe eventualmente ritrarsi da un atteggiamento del genere –bensì un destino, un «richiamo provocante», un disvelamento dell’essere”. [tradução minha].

⁴ “La subjetividad del *subiectum*, que no tiene nada que ver con el aislamiento del yo, llega a su acabamiento en la calculabilidad e instaurabilidad de todo lo viviente, en la *rationalitas* de la *animalitas* en la que el «superhombre» encuentra su esencia”. [Tradução minha].

[...] é, antes, aquilo através do qual o que é quantitativo se torna numa qualidade que lhe é própria e, assim, num tipo peculiar de grandeza. Cada era histórica não é apenas de uma grandeza diferente em relação a outra; ela tem também sempre o seu conceito próprio de grandeza. Mas, logo que o gigantesco da planificação e do cálculo, da instituição e da garantia, muda do que é quantitativo para uma qualidade que lhe é própria, o que é gigante e o que está, aparentemente sempre e completamente, para ser calculado torna-se, através disso, no incalculável. Tal permanece a sombra invisível que está lançada por todas as coisas, quando o homem se tornou *subjectum* e o mundo se tornou imagem.

Nas *Bremen and Freiburg lectures*, Heidegger (2012c, p. 147) torna à questão com ainda mais contundência, ao dizer que o *gigantesco*, que se expressa como “desenvolvimento contemporâneo do cálculo na tecnologia, indústria, economia e política atesta o poder de um pensamento obcecado pelo *λόγος* da lógica de uma forma que quase beira a insanidade⁵”. Vê-se isto, por certo, muito marcadamente na voracidade do sujeito que protagoniza a economia neoclássica. Ainda que esta “escola” acentue a “escassez” como um aspecto restritivo da prática de abuso contra os entes, o fato, bem compreendido por Guido Viale (2000, p. 100), é que

[...] a escassez da economia não é sinônimo de penúria, mas justamente o contrário: é a manifestação econômica de um modelo de comportamento aquisitivo que não conhece limites, porque é subjetivo e individualista. A demanda de um bem, que é o resultado das funções de utilidade do conjunto dos consumidores soberanos é, por sua própria definição, ilimitada, dado que a subjetividade do indivíduo moderno não encontra um limite senão em si mesma⁶.

Na verdade, a introdução da “escassez” no modelo teórico neoclássico obedece a uma contingência lógica que decorre do pressuposto da demanda perene e ilimitada⁷ dos indivíduos, face à qual, obviamente, toda e qualquer coisa se torna insuficiente. Note-se que a onipotência da técnica, de onde parte o ataque contra todo ente, é essa precondição para o irremediável da subjetividade e da economia da liberdade de ação que é tudo menos escolha propriamente livre, porque o humano mobilizado aí como recurso não é nunca, vale insistir, o soberano da ação que supõe comandar; é apenas o agente da *armação* essencial da técnica, posto na condição de componente substituível do aparelho produtor.

⁵ “The gigantic contemporary deployment of calculation in technology, industry, economy, and politics attests to the power of a thinking obsessed with the *λόγος* of logic in a form almost bordering on insanity”. [*Tradução minha*]

⁶ “...la scarsità dell’economia non è sinonimo di penuria, bensì il suo contrario: è la manifestazione economica di un modello di comportamento acquisitivo che non ha più limiti, perché è soggettivo e individualistico. La domanda di un bene, che è il risultato delle funzioni di utilità dell’insieme dei consumatori sovrani è, per sua stessa definizione, illimitata, dato che la soggettività dell’individuo moderno non trova un limite che in se stessa”. [*Tradução minha*].

⁷ A bem da verdade, o limite ao “produtível”, entendido como produto potencial máximo, é estabelecido, no âmbito do neoclassicismo, não em virtude de uma insuficiência – desde logo descartada, como hipótese – de demanda efetiva, mas pela “desutilidade marginal do trabalho”, um conceito “técnico” para explicar o nível ao qual alguém está disposto a empenhar a energia da atividade laboral para obter unidades adicionais de um bem qualquer.

Assim, aos empecilhos que travam uma saída ética⁸ do universo unilateral da técnica sobrevém mais este, de ordem econômica, que engaja e funcionaliza tudo como pertencimento ao *Gestell* aglutinador do sentido dos afazeres. Mais que nunca, a economia da *mainstream* – isto é, a economia dominante ou dita ortodoxa do neoclassicismo – trata esse pertencimento como “libertação” do sujeito em transitar pelo mundo das mercadorias exercendo seu mando (em meio ao *dis-posto*) como consumidor. No entender de Marcuse (1973), trata-se, todavia, de um consumidor feliz na subjugação, dado o contexto em que tudo se converte em recurso e valor.

Apoiada na subjetividade pregnante da ideia de um crescimento ilimitado da produção que se deveria realizar por meio da exploração e comutação permanente de recursos exauríveis (Cf. Latouche, 1999), a programação para o desmedido das engrenagens tecnoeconômicas do progresso e do desenvolvimento fornece, acima de tudo, uma muito clara indicação de como a economia neoclássica conjuga hedonismo e mecânica cartesiana no trato com os entes considerados como simplesmente dados ou meramente subsistentes, como corpos ou substâncias extensas a serviço do incomensurável da exploração técnica, à qual se encontra ligada, convém assinalar, a própria ciência moderna “em sua intrínseca constituição técnica” (HELD, 2009, p. 19) como tecnociência.

Desde logo, não haveria sentido em se falar em tecnociência se já não se estivesse mesmo pondo aí em relevo o caráter predecessor da técnica em relação à ciência, quanto mais não fosse para acentuar sua unicidade incontornável como matriz da *disposição* objetificada da natureza. Na condição de *empresa de investigação* antecipadora do real ou da realidade dos entes segundo a normativa da ação instrumental, a ciência atua como força coadjuvante dessa *disposição* que exige um sistema de inovação (em “processos” e “produtos”) que possa avançar para além de quaisquer determinações outras que não digam estritamente respeito às ordenações tecnoeconômicas do aparato.

É aqui, em seu âmbito de integração ao ambiente econômico, que todo o complexo de inovações amplifica, funcionaliza e legitima a uniformização do indivíduo, que se vê assim submetido não pelo que tem ao seu alcance, pelo que manipula, mas justamente pelo que não possui e nem vê, porque sente aí a dimensão de sua pequenez no estar concatenado

⁸ Nos moldes de uma aplicação conforme ao *tractatus technologico-ethicus* de Hans Jonas (*El principio de responsabilidad: ensayo de una ética para la civilización teconologica*, 1995).

a algo que funciona porque tem de seguir funcionando, porque a vida como um todo passou a estar administrada, coordenada em processos que ele não controla.

Sob certos aspectos, é oportuno lembrar, de passagem, a analogia com o tipo humano que, na abordagem de Marx, aparece reduzido a força de trabalho, reduzido a mera mercadoria da produção de mercadorias. A diferença, em relação a Heidegger, é que, para Marx, chegou-se a esse estado de coisas como obra humana, e seria como obra da vontade humana que a supressão dessa condição se realizaria, a fim de se poder devolver ao homem o seu verdadeiro “poder ser”. Heidegger, obviamente, reprova a ideia de que uma reconfiguração das condições de reprodução da vida material, a partir de uma hipotética tomada humana de controle técnico das forças produtivas, pudesse alterar a situação de meio ou estoque de recursos em que foram postos a natureza, o mundo e o humano, porque esse estado de coisas a que se chegou não é um fenômeno impingido exclusivamente como perversão do capitalismo, e portanto contornável mediante sua suplantação.

Em concreto, presume-se aí – como querem *melhoristas* como Feenberg⁹ – que, destruindo as estruturas iníquas do sistema ou submetendo-as ao controle democrático, tornar-se-ia factível a contenção da voragem da técnica em sua “vontade de vontade” que, querendo-se a si mesma, no acúmulo de poder e força, desencadeia a desmesura exploratória dos entes através da renovação incessante dos ciclos de criação (produção) e destruição (consumo). Isso, obviamente, dá a tônica do sistema econômico como um todo, pondo em questão a continuidade do mundo natural da vida.

Pois bem, é como cientificidade que triunfa com a aplicação de um procedimento metodológico que a *economics* emerge na esteira da constituição da tecnociência moderna; nasce, sem dúvida, de uma predisposição técnica para fazer de si mesma uma antropologia pragmática de processos maximizadores automáticos. O homem que lhe diz respeito, egocêntrico e darwinista, escolhe o que quer mas não pode querer o que escolhe, porque, conforme já esclarecido pelo próprio Heidegger (1991a, p. 60), esse homem não é o artífice autônomo e consciente da *armação*. Ao contrário, está no cunho de “matéria prima mais importante”¹⁰ do *Gestell*, e não é por acaso que figura na economia neoclássica como “fator

⁹ Ver, por exemplo, de Andrew Feenberg, *Transforming Technology: a critical theory revisited*, 2002.

¹⁰ “Questo processo si impadronisce anche dell’uomo, il quale non può piú nascondere il carattere che fa di lui la piú importante delle materie prime. L’uomo è «la piú importante delle materie prime» perché rimane il soggetto di ogni usura, e ciò nel senso che getta incondizionatamente in questo processo la sua volontà e in tal modo diventa nello stesso tempo l’«oggetto» dell’abandono dell’essere” [HEIDEGGER, 1991a, p. 60].

humano”, como “capital humano”, como recurso (*medium*) em sua inventividade, criatividade e competências a serviço do processo de geração de valor.

A partir da hegemonia da técnica e de sua expressão como imperativo econômico, vê-se por aqui, *en passant*, o quão difícil é pensar o horizonte da educação para além de seu confinamento à técnica, cujo domínio em escala planetária concorre para tornar supérflua a tarefa da reflexão e da crítica. Nesse sentido, entende-se o porquê de a educação passar a orientar-se segundo critérios estritamente tecnoeconômicos – a exemplo da otimização do emprego de fatores e da prática do máximo retorno para uma situação de melhor aproveitamento técnico, incluindo-se aí, obviamente, o próprio “capital humano”.

Que o humano se veja a si mesmo como vencedor de um confronto com a natureza tomada como reserva, provisão, estoque, fundo (*Bestand*) que ele modifica como expressão do “fazer sair” (*Herausfordern*) tecnológico e especificador do ser daquilo que é por essa via manifestado, atesta apenas, como um todo, que o modo de ocupação com as coisas do mundo segundo o caráter de produção da economia neoclássica é, essencialmente, uma desnatura, uma urdidura e não uma atitude à qual se chegou por deliberação de sujeitos racionais. Com efeito, enquanto processo que põe a natureza em condição de valor econômico no âmbito da provocação exploratória cerceadora de mundos, o que se tem aí é a organização econômica da técnica, o imperioso numa *armazón* que interdita outras formas de verdade do ente convertido em material de domínio.

A condição de ser recurso, de possuir valor como insumo econômico (*cost benefit analysis*), implica estar sob a constância do jugo do usurpável, como aquilo com que se deve poder sempre *contar*, no cálculo. Ora, calcular, não custa frisar, é sempre um “contar com”¹¹, e isto, infelizmente, é a única coisa que importa à *economics* em sua compreensão da natureza como *res extensa*, como campo neutro de objetos agregados em sua objetivação (Cf. FOLTZ, 2000, pp. 48-49).

Heidegger, obviamente, com base no que já se pôde apresentar aqui, não apenas rechaçaria a caracterização do sujeito econômico utilitarista da teoria econômica neoclássica,

¹¹ ACEVEDO GUERRA (1999, p. 89) resumiu assim o caráter do pensar que calcula, que é sempre um “contar com”: “Cuando nosotros formulamos un plan, participamos en una investigación, organizamos una empresa, contamos siempre con circunstancias dadas. Estas circunstancias las tomamos en cuenta partiendo de la calculada intención hacia determinados fines. Contamos anticipadamente con resultados definidos. Este cálculo caracteriza todo pensamiento planeador y toda investigación. Tal pensamiento o investigación sigue siendo un cálculo, aún cuando no opere con números ni utilice máquinas de calcular o calculadoras electrónicas. El pensamiento que conta, calcula. Somete al cálculo posibilidades siempre nuevas, cada vez más prometedoras y, al mismo tiempo, más económicas. El pensamiento que calcula no nos deja respiro y nos empuja de una probabilidad a la siguiente”.

mas também o pressuposto correlato da terra como mero *recurso*. Dessa forma, permitiria descortinar, como que numa espécie de dívida ontológica, a possibilidade de se estabelecer com a terra uma outra modalidade de *uso* que tivesse presente esse endividamento. Afinal, o homem *existe* – diz Heidegger (1991b, p. 97) – na medida em que habita, e habitar a terra¹² é salvá-la, no sentido de deixá-la livre em sua vigência, e não fazer o que correntemente se cumpre como despacho da economia da técnica: explorá-la e exauri-la na alienação de um desabrigar.

Daí a importância de um tal rechaço ou “desconstrução” envolver a subjetividade egocêntrica do agente econômico hedonista do arcabouço neoclássico, por um lado, e, por outro, a noção de “utilidade” das coisas, que na analítica heideggeriana é inteiramente diversa da que nesse arcabouço emerge como propriedade subjetiva do mundo para satisfazer necessidades humanas como um “bem”, como algo que, objetificado por um sujeito que aparece como fulcro da significação de todas as coisas, possui, assim, valor, é útil. Isto porque o desiderato do modo de ser da economicidade neoclássica não é o da vinculação orgânica com as coisas em sua coisidade, mas o das coisas em sua utilidade precificada pelo mundo da organização técnica do trabalho, para o qual o que importa mesmo é poder subsumir a coisa numa função utilitária.

A razão de ser da vida econômica consiste em incrementar indefinidamente a quantidade dessas coisas “úteis”, possibilitar o exercício individual do sistema de escolhas e preferências e dar livre curso à realização dos desejos e necessidades. Em rigor, tão decisiva quanto a questão da satisfação é a da liberdade de comportamento do indivíduo como justificção para o *laissez faire* do gigantismo da produção de “utilidades”, o qual exige que toda a gente seja deixada livre para agir com vistas a poder despender sua renda e maximizar seus interesses da forma que julgar melhor. Ao exacerbarem a tese smithiana do autointeresse, os neoclássicos perpetraram, no entender de Robinson (1974, p. 53), “uma

¹² “...el modo propio en que los mortales habitan la tierra se da en la medida en que el habitar autenticamente humano cuida de ella y la salva [retten], y no en el modo impropio de la época moderna, en la que el sujeto explota y utiliza la tierra como se fuera mero útil [...] La auténtica habitación humana se despliega junto a la naturaleza, en la tierra, en el entorno físico que funda y da suelo a nuestra existencia. El *habitar* propio del ser humano se realiza en la copertenencia de cuatro elementos: en la *Tierra* (que le da sustento), el hombre, en tanto *ser mortal*, permanece bajo el *cielo* (que lo envuelve y lo protege), y sobre la tierra espera a lo *divino* (que lo mira y lo llama constantemente). Divinidad, naturaleza y humanidad formam la unidad de *mortales*, *divinos*, *cielo* y *tierra*, que Heidegger denomina la *cuaternidad* (*das Geviert*). La cuaternidad representa el entorno ecológico en la que habita el hombre y revela que la humanidad está vinculada ontologicamente con los elementos de la naturaleza. El modo específico de habitar es el cuidar, procurar y proteger la cuaternidad, es decir, la relación unitaria de los cuatro elementos que conforman el cosmos” (LINARES, 2008, p. 89).

ideologia para acabar com as ideologias, abolindo o problema moral. Basta apenas que cada indivíduo aja egoisticamente para o bem de todos ser alcançado”¹³.

Em suma,

O pensamento que calcula (*das rechenende Denken*) faz cálculos. Faz cálculos com possibilidades continuamente novas, sempre com maiores perspectivas e simultaneamente mais económicas. O pensamento que calcula corre de oportunidade em oportunidade. O pensamento que calcula nunca para, nunca chega a meditar. O pensamento que calcula não é um pensamento que medita (*ein besinnliches Denken*), não é um pensamento que reflecte (*nachdenkt*) sobre o sentido que reina em tudo o que existe” (HEIDEGGER, 2000, p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto modo de ser da apreensão da totalidade de sentido do mundo e de sua inteligibilidade (*Verständlichkeit*), a economia neoclássica alberga uma ontologia do real capturado como *representação* de processos objetificados, o que significa dizer, noutras palavras, que se vê a si própria como campo objetual de um sistema económico governado pela vontade do sujeito, a mesma que, enquanto *vontade de querer* do indivíduo, dimana, a bem da verdade, do poder pelo poder da *vontade de vontade* da técnica. Obviamente, a economia neoclássica não divisa o carácter de seu pertencimento ao âmago metafísico da técnica moderna, até porque não é mesmo muito próprio das ciências em geral a meditação acerca de sua proveniência e alinhamento ontológico.

Logo, sem uma compreensão da essência da técnica em Heidegger não se consegue discernir adequadamente o porquê de o mundo despontar na materialidade da vida económica como “fundo calculável” por trás do cenário das operações técnicas de manipulação irrestrita dos processos de trabalho conduzidos pelo homem, como se o poderio da técnica correspondesse a uma força estritamente humana, como se, ainda, a essa demonstração do poder humano, na condição de sujeito da técnica, equivalesse situar o homem como o seu mestre e senhor, e não, ao contrário, como constituído por esse poderio cuja essência ele não alcança e nem controla.

Mais do que mera fala ou discurso, a linguagem da escola neoclássica é um *dizer* epistémico que, como vimos, concorre para a configuração dos processos de trabalho

¹³ “This is an ideology to end ideologies, for it has abolished the moral problem. It is only necessary for each individual to act egoistically for the good of all to be attained”. [Tradução minha].

conducentes ao aparecimento dos entes intramundanos em concatenação com o sentido concernente à presença subsistente das coisas, algo de fato peculiar a uma economia *Vorhandenheit* do domínio da técnica em sua dimensão essencial que põe o ser dos entes como propriedade elaborável, produtível e manifestável segundo uma injunção – a do pensamento que calcula.

Eis, assim, como se pode delinear, a partir de Heidegger, o lugar da Economia dita científica no contexto da pesquisa do real que demarca o ente como âmbito da técnica e que, por essa via, concorre para confinar tanto o pensar quanto o fazer na “armação da técnica” (*Gestell*).

REFERÊNCIAS

ACEVEDO GUERRA, J. **Heidegger y la época técnica**. 2. ed. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1999.

BROCKWAY, George P. **The end of economic man**. 3rd ed. New York: Cornelia & Michael Bessie Books, 1991.

FEENBERG, Andrew. **Transforming Technology: a critical theory revisited**. New York: Oxford University Press, 2002.

FOLTZ, Bruce V. **Habitar a terra: Heidegger, ética ambiental e a metafísica da natureza**. Tradução: Jorge Seixas e Souza. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HEIDEGGER, Martin. “Oltrepassamento della metafísica”. Traduzione: Gianni Vattimo. In: **Saggi e discorsi**. Milano: Mursia, 1991a.

HEIDEGGER, Martin. “Costruire abitare pensare”. Traduzione: Gianni Vattimo. In: **Saggi e discorsi**. Milano: Mursia, 1991b.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Tradução: Maria M. Andrade & Olga Santos. Lisboa: Piaget, 2000.

HEIDEGGER, Martin. “Para quê poetas?”. Tradução: Bernhard Sylla & Vítor Moura. In: **Caminhos de floresta**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012a.

HEIDEGGER, Martin. “O tempo da imagem do mundo”. Tradução: Alexandre F. de Sá. In: **Caminhos de Floresta**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012b.

HEIDEGGER, M., **Bremen and Freiburg Lectures**. Translated by Andrew J. Mitchell. Bloomington: Indiana University Press, 2012c.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche** (Vol. único). Traducción: Juan Luis Vermal. Barcelona: Editorial Planeta, 2013.

JONAS, Hans, **El principio de responsabilidad: ensayo de una ética para la civilización tecnológica**. Barcelona: Herder, 1995.

LATOUCHE, Serge. **Os perigos do mercado planetário**. Tradução: Nuno Romano. Lisboa: Piaget, 1999.

LINARES, Jorge Enrique. **Ética y mundo tecnológico**. México: Fondo de Cultura Económica, 2008.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Tradução: Giasone Rebuá. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

ROBINSON, Joan. **Economic philosophy**. Great Britain: Penguin Books, 1974.

RÜDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SEN, Amartya. **Sobre Ética e Economia**. Tradução: Laura T. Motta. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.

VIALE, Guido. **Un mondo usa e getta: la civiltà dei rifiuti e i rifiuti dela civiltà**. Milano: Feltrineli, 2000.